



Novas Maneiras de Ensinar, Novas Formas de Aprender

Celso Antunes

A palestra, que analisa o tema acima, parte das premissas enumeradas a seguir.

A escola não pode mais aceitar o professor que acredita que ao concluir seu curso universitário já tenha todas as ferramentas para o perpétuo exercício do ensinar. O saber foi banalizado; o que antes apenas chegava ao aluno pela fala do professor chega agora de múltiplas formas e com diversas variantes. Esquecer o computador é impossível, como é impossível negar a existência de saberes divulgados diariamente por diferentes mídias e canais. Essa constatação implica a necessidade de o professor descobrir novas maneiras de ensinar, transformando informações em conhecimento e, por meio dos conteúdos do currículo escolar, desenvolver competências e habilidades. Fazer isso não requer dolorosa volta à escola e nem mesmo renúncia ao incontestável direito ao lazer, mas união com seu grupo, divisão de tarefas, muita leitura, pesquisa e debates para avaliar essa formação permanente e as novas ferramentas de ensino.

Desde os anos de 1990, quando os Estados Unidos fizeram surgir a "década do cérebro", muitos avanços e descobertas aconteceram. Embora a maior parte desse notável avanço tenha beneficiado a medicina, o conhecimento neuronal trouxe ganhos também a muitas outras áreas, sobretudo à educação. O que hoje sabemos sobre construção da aprendizagem, uso da memória, diversidade das inteligências, exercícios para "aquecimento" da atenção, etc. traz para a sala de aula o desafio de fazer do antigo professor "especialista em uma disciplina" um novo profissional que soma essa especialização à de "especialista em aprendizagem". Esse segundo desafio não pode ser superado por caminhos diferentes dos propostos para o primeiro: ainda é essencial união, divisão de tarefas, pesquisas e debates que possam avaliar a conquista de nova e fascinante formação profissional.

A terceira reflexão diz respeito à família, que mudou rapidamente. Praticamente não mais existe família encarregada da formação dos seus, e esta responsabilidade é relegada à escola. Os professores protestam afirmando não ser essa a função deles, mas sobrevive a pergunta: Se não é função da escola, de quem será? Dos bombeiros? Da polícia? Dos traficantes? Sendo uma instituição encarregada de dar bases ao futuro, não existe fuga para a escola. Ao lado de saberes conceituais e específicos de diferentes disciplinas, cabe ao professor assumir o papel de instigador de curiosidades, ajudante na tarefa de o aluno se autoconhecer e automotivar, treinador de relações interpessoais, especialista no ensino das técnicas de construção da amizade e administração do tempo, enfim, de "educador emocional". Como chegar a essa formação? Ainda uma vez reitera-se o que acima se afirmou. Não há outro caminho senão os debates, a pesquisa, o trabalho organizado, a união da classe, o envolvimento dos pais e a construção da solidariedade que os novos tempos aboliu.

Finalizando, a quarta reflexão que parece essencial é constatação de duas realidades que na escola se cruzam: campanhas mundiais e nacionais contra o trabalho infantil estão trazendo para as salas de aula alunos resilientes, e o professor brasileiro não aprendeu a ensinar pobres. O aluno pobre da escola de ontem era de pobreza diferente, capaz de assimilar ainda que com dificuldade a estrutura de aula convencional. Isso, entretanto, não pode ocorrer com alunos resilientes, muitos deles crescendo como ratos, vestindo farrapos e tendo uma leitura de mundo que não se ousa imaginar. Esse fato torna imperiosa a construção de uma pedagogia resiliente que aborde novo currículo, nova estratégia de aula, nova forma assistencialista, novos estilos de avaliação para novas formas de aprendizagem. Não há fuga possível, e o apelo anterior aqui se renova.

Construir a escola de nossos sonhos pode ser utopia para sempre se os braços se cruzarem e se, na fuga à realidade, acreditarmos que um dia essa "receita" cairá a nossos pés. Por outro lado, esse poderá ser um desafio superado se acreditarmos como há dois mil anos se acredita que "é sempre melhor acender um fósforo do que reclamar da escuridão".

A estrada da educação, para nós professores, se bifurca como jamais aconteceu: ou assumimos nossa incapacidade e buscamos com mais coragem outra realidade, ou iniciamos agora as estratégias dessa construção. Basta querermos.

*O autor é mestre em Ciências Humanas; especialista em Inteligência e Cognição; membro consultor da Associação Internacional pelos Direitos da Criança Brincar, reconhecido pela UNESCO; autor de mais de 180 livros.